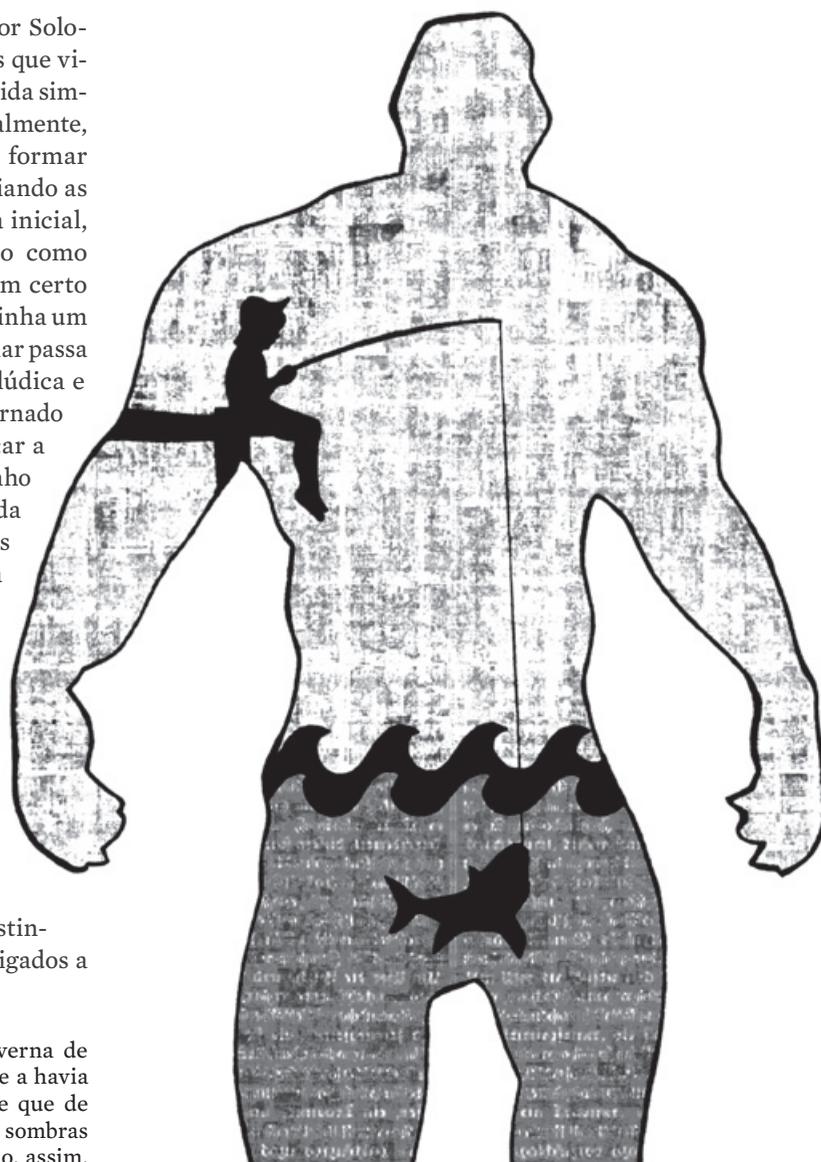


# "FAREI TATUAGENS" OU O CARROSSEL DIABÓLICO

**Márcio Nunes de Carvalho**

No conto *Luz e sombras*\* de Fiódor Solóvub (1896), um garoto de 10 anos que vivia juntamente com a mãe uma vida simples e monótona descobre, acidentalmente, que pode com suas mãos e objetos formar sombras projetadas nas paredes, criando as mais variadas figuras. Da surpresa inicial, a brincadeira vai se configurando como uma obsessão e a história ganha um certo tom nebuloso. Assim, o garoto que tinha um comportamento considerado exemplar passa do que poderia ser uma atividade lúdica e criativa para um fascínio mórbido tornado incontrollável, acabando por alcançar a mãe que no início achava tudo estranho e relutava em apoiar o filho. Ele, cada vez mais, entrega-se a criar sombras em detrimento de viver uma infância "normal" como a dos demais amigos, abandonando as atividades escolares e sociais. Enfim, vai acontecendo um afastamento progressivo da realidade (luzes), arrastados que são, mãe e filho, para um aprisionamento (sombras) numa atividade criativa-tirânica, sem alternativas diante do fato de que em lugar algum podem viver sem "paredes". Assim, não existindo esse lugar onde não se veem obrigados a



\* O conto lembrou-me o mito da caverna de Platão, quando uma personagem, que a havia abandonado em direção à realidade que de fora da caverna produzia as imagens sombras na parede interna, retorna preferindo, assim, aquela realidade das sombras.

formar figuras que ganham vida nas “paredes”, acabam por não resistir e se entregam, capturados, àquela compulsão.

O conto, portanto, gira em torno da invenção criativa, lúdica, de uma criança e que, como uma faca de dois gumes, desliza em meio a um fascínio mórbido para uma atividade escravizante. As pequenas e criativas invenções de figuras nas paredes do quarto vão se configurando como estranhas e, porque não?, assustadoras, pelo fato de que as figuras criadas passam a exercer domínio sobre as mentes da criança e da mãe. A narrativa traz o leitor para perto do abismo mental que desconhecemos ou que não reconhecemos, mas que trazemos dentro de nós.

O texto ajudou-me a pensar sobre a relação analítica com um jovem de pouco mais de 30 anos que insistia numa decisão, não consumada, vale dizer, de fazer tatuagens pelo corpo. Tatuagens que acabei considerando como projeções similares às do conto, no caso, *sombras do imaginário*. Seriam, em princípio, tatuagens por todo o corpo, este também similar à “parede” de *Luz e sombras*. O significado de seu desejo de se tatuar revelou-se com o tempo. Mais adiante trarei passagens de nossas conversas quando entre nós ideias fluíam, lembrando o que Virginia Woolf denominou de fluxo de consciência. Um fluxo de ideias que na literatura woolfiana tem função criativa, mas que, entretanto, no caso da análise não seguia nessa mesma direção criativa. A análise avançou para um sutil conluio no qual conversas e conversas giravam em círculo.

Quando me procurou, sentia-se preso a um comodismo, indiferença, um “paradeiro mental”, vivendo uma rotina enfadonha, o que lhe gerava um sentimento de inutilidade e de incapacidade para tomar as iniciativas que dessem continuidade à sua vida.

Um fato começou, após certo tempo, a chamar minha atenção. Como seria natural, a cada vez que ele entrava na sala de análise, a sessão deveria começar e a cada vez que saía, a sessão deveria terminar. Comecei a perceber que “as coisas” não funcionavam bem assim. A análise não começava ao vê-lo e nem terminava quando nos despedíamos. As conversas que pareciam *concluídas*, na

verdade, permaneciam em alguma medida repercutindo e reverberando em meu imaginário depois da sessão terminada, como as sombras do conto. A luz não se apagava para mim e as sombras, com uma frequência inusitada, não desapareciam completamente.

Dois conceitos psicanalíticos emergiram durante a análise: o da barreira de contato e o da identificação projetiva-introjetiva.

Quanto ao primeiro, mas no campo relacional, algo que poderia lhe ser similar e propiciador de trocas criativas no espaço *entre* da relação analítica deu lugar ao que denominarei uma forma disfuncional da barreira de contato. Disfuncional, porque havia fluxo de ideias transitando entre nós, mas ideias que giravam como num carrossel, num girar em torno do *nada*. Palavra que, como se verá, foi muito usada por nós.

Quanto ao conceito de identificação projetiva, conforme formulado por M. Klein, com as contribuições de Racker, Paula Heimann e principalmente Bion, e que no meu entender está interligado ao conceito freudiano da atenção flutuante encaixado no da transferência, na perspectiva bioniana vejo como intimamente conectado ao conceito de *rêverie*. Identificação projetiva, conceitualmente, sustenta-se na hipótese de uma crença inconsciente e onipotente na continuidade da realidade psíquica na realidade externa. Penso numa sequência: inicialmente prestar-se-ia a uma relação fusional com o objeto; depois, projetivamente, funcionaria como *sondagem*, em nível inconsciente, dirigida ao objeto (preconcepção de seio); por fim, poderia favorecer uma disposição empática do eu em relação ao objeto. A identificação projetiva, tal qual uma faca de dois gumes, pode seguir por uma senda criativa no sentido de construir um sistema de comunicação pré-verbal que se estende até o *rêverie* ou, simplesmente, continuar como uma defesa primitiva que visa um arraigado fusional com o objeto.

Para se constituir como sistema de comunicação, a identificação projetiva necessita de uma contraparte, a identificação introjetiva, com a qual se complementa. Por esta, o objeto alvo da identificação projetiva ou alcança a condição de *rêverie* ou é capturado, perdendo

*A identificação projetiva, tal qual uma faca de dois gumes, pode seguir por uma senda criativa no sentido de construir um sistema de comunicação pré-verbal que se estende até o rêverie ou, simplesmente, continuar como uma defesa primitiva que visa um arraigado fusional com o objeto.*

autonomia. De qualquer modo, elas criam uma ligação primitiva e fusional no espaço de um possível vir a ser *entre objetos*, uma espécie de cordão umbilical virtual-psíquico funcionando de forma simbiótica ou parasita. Em pessoas ditas egoístas, marcadamente insensíveis, a identificação introjetiva se apresenta menos funcionante. Portanto, essas pessoas não são alcançadas facilmente por identificações projetivas a elas dirigidas, face às defesas narcísicas. Nestas situações, a identificação projetiva seria como um tiro n'água, resultando em possibilidades reduzidas para uma relação empática.

Por conseguinte, como primeira e primitiva forma de comunicação entre humanos, elas – identificação projetiva e introjetiva em psicanálise – efetivam-se no sentido de uma comunicação empática não verbal se a disposição mental do analista se mover de um estado mental esquizoparanoide para o estado mental depressivo (*rêverie/empatia*).

Em razão do descrito, e lembrando Freud em *Dois princípios do funcionamento psíquico*, é central no cenário da sessão psicanalítica o analista poder sentir o fluir ou o travamento do pensar, de acordo, portanto, com suas vicissitudes. Não porque o pensar para o analista seja uma meta em si mesma, mas porque o pensar e suas vicissitudes (resistências, defesas, movimentos de escape da *verdade*, movimentos *regressivos* do pensamento) é o meio ou o obstáculo para que a relação analítica cresça (no sentido bioniano) e a mente expanda seu potencial criativo, o que se revela (ou não) no pensar. Segundo Bion, a psicanálise está para a filosofia como a matemática aplicada está para a matemática pura. Uma ótima sugestão para se considerar que sem extrair no/do analisando o seu “filósofo interior”, a psicanálise ou empaca ou se desvia para psicoterapia.

Uma impressão que permaneceu do conto – razão pela qual o trago a propósito da experiência analítica que relatarei – foi a de uma relação fusional menino-sombras-parede que se me revelou indissolúvel. Na análise, quando ocorre uma barreira de contato disfuncional, provavelmente seria por conta de um fusionamento na relação analista-analisando. No episódio analítico

que descreverei, eu era e inconscientemente me permitia ser colocado como uma *parede mental*, fazendo parte de enredos-imagens que se repetiam circularmente. Contudo, não estou apontando para uma dinâmica psicótica, não obstante a presença do fusionamento, considero uma disposição mental primitiva ao alcance de qualquer um para ser usada de forma pontualmente defensiva.

No relato a seguir, que não é um conto, eu conto uma experiência analítica, como um sonho que quando relatado já não é mais o sonho que foi sonhado, e sim o sonho editado.

*... as tatuagens de meus gatos foram feitas anos atrás... Hoje não se pode perder nada nesse mundo onde tudo está acontecendo aos nossos olhos, andar na contramão sob pena de estarmos perdendo o que todos já têm ou já sabem... Mas, na verdade, o que se perde? Já respondo: um nada! Um nada... acabo de pensar e de dizer: tudo é um nada e nada é tudo! ...a palavra nada, tem, sim, um forte tom emocional. Estou vendo...*

No princípio da análise, revelou a necessidade de superar o silêncio, o isolamento e um personagem nadinha, projeção dele mesmo em sua autoimagem. Com as tatuagens “criaria” o personagem fodão, cuja função deveria ser a de promover aceitação social e superar o personagem nadinha.

*... sempre tive medo de coisas novas, não me importava com conhecimento e vivia minha burrice de forma sofrida, mas tranquila... um nadinha protegido sem problemas, mas com um quilo de problemas... continuo sufocando minha curiosidade para evitar... assim é como me anulo, sim! E viro um nadinha de curiosidade, sem problemas e com quilos de problemas. Sim! Mas com as tatuagens irei me tornar fodão e impressionar. Foi assim com as tatuagens dos gatos... Meus amigos não tinham coragem de se tatuarem. Eu fui o primeiro e me tornei fodão... sim, talvez um fodão entre aspas, mas funcionou.*

Com o passar do tempo e no desenrolar das sessões, comecei a sentir um certo desconforto diante de aparentes avanços que rapidamente sumiam como *sombras* quando não há mais luz, tudo voltando à estaca zero. Como num círculo vicioso. Parecia-me ouvi-lo

dizer que estava feliz com a análise como se ali fosse o lugar protegido do nadinha sonhando com o fodão. Este parecia mais um personagem Godot que nunca chegava. Era um permanecer protegido na “burrice e no silêncio”, no não conhecer nem ficar ameaçado pelo novo analítico. Realizações como ir com a namorada para aula de dança, ir para a academia de ginástica, para uma atividade esportiva aos sábados, que aconteceram no decorrer da análise e pareciam êxitos significativos, nunca estiveram vinculadas ao fodão.

Dizia sofrer pelo seu corpo magro e sentia-se envergonhado quando ia em alguma festa e dançava de forma desajeitada. Na *parede mental* que eu me tornava, ora sim, ora não, a figura prevalente era a do nadinha. O fodão, como disse, “não dava as caras”, muito menos por conta daqueles “êxitos”. Entretanto, a sensação era a de que ele, o fodão, estava sempre por ali presente entre nós. Supus que talvez não existisse o nadinha e, sim, apenas o fodão que se vestia de nadinha por conveniência.

... e se é com esse (o nadinha) que está conversando? ...acho que sim! ... Fodão com a voz do nadinha? Agora, isto não sei... arrogância, disfarce do arrogante... eu?

... continuo esperando pelo fodão, meu delírio saudável de grandeza. Na verdade, nada vai mudar. Não me vejo com saídas. Não enxergo futuro... burrice? ... Não estou num carrossel? A questão sobre qual eixo gira meu carrossel me parece interessante... qual? Talvez o medo de entrar numa montanha russa... não gosto muito de ideias que se dizem novas, como essa sua de que não há nadinha e sim um fodão, arrogante... disfarçado de nadinha.... Mas estou aberto.

De um lado, a análise dava a impressão de acontecer numa relação transferencial atravessada por contexto emocional edipiano, parecendo ganhar aprofundamentos; de outro, a *resistência nadinha/fodão* quanto a deixar fluir sua curiosidade dirigida ao mundo interno manifestava-se na neutralização de insights ao fazer o carrossel girar.

... eu era magricela, um nadinha, e tinha vergonha de meu corpo. Precisava me mostrar fodão. As tatuagens eram para isto. Chocar a

sociedade. Criei o personagem para me sentir seguro. O fodão que transgredia regras e escondia a vergonha de mim mesmo... o fodão funcionou, ganhou massa muscular, mas não veio para ficar... O corpo magricela/musculoso dará lugar ao corpo que será uma galeria de arte, e dessa forma passarei a ter importância. Serei fodão? ... Depois de tanto rejeitar meu corpo agora irei lhe dar um sentido e um valor estético ... Galeria de arte! (risos) Acervo particular... Tatuagens vieram a partir da marginalidade para ser assimiladas como arte pelo sistema. Tudo começa na marginalidade.

... não, não conheço a peça do Godot, mas sei da história... Fodão-Godot? Ele precisa aparecer. Não viajei para o exterior, ainda, por medo de não ser capaz de me comunicar, apesar de falar inglês. Sim... nadinha-fodão e fodão-nadinha, a mesma coisa? Você acha que são como irmãos gêmeos...

Se vai acontecer no decorrer da análise? ...você como uma tela onde vou projetando o fodão para que eu fique olhando para ele e curtindo? ... Curtindo arrogância? (risos). Interessante... Eu tatuador de minhas fantasias em você? Não seria o contrário, você analista-tatuador? É uma boa...

... estou em dúvida sobre quem está falando, se o nadinha ou fodão...

Fui muito machucado pelo nadinha, pelo magricela... Agora é a hora do fodão, com tatuagem ou não, só que é para ficar de vez... estou girando no carrossel... A análise vai me ajudar nesse projeto, até porque tenho podido pensar coisas de maneira diferente. Posso estar indo para um novo carrossel?

... Meu passado não é somente fonte de lembranças ruins... Como o futuro não é somente o que espero de bom da vida... O passado uma prisão no nadinha. Presente e futuro dependem do fodão... ou, como diz você, dependem de minha escolha entre carrossel e montanha russa... Você me diz que ao mesmo tempo que quero que você seja meu tatuador quero tatuar em você meu fodão e meu nadinha (risos)... Não sei como é fodão em sua imaginação... Se eu quero controlar sua imaginação? Para que controlar sua imaginação?... Admito, sim, que a gente está sempre correndo para nosso mundo imaginário e fodão é uma criação minha. Ele existe em minha

Este parecia mais um personagem Godot que nunca chegava. Era um permanecer protegido na “burrice e no silêncio”, no não conhecer nem ficar ameaçado pelo novo analítico.

imaginação. Agora, ele existe também na sua imaginação. Consegui! (risos). Já o nadinha... Também posso fazer alguém pensar que sou um nadinha. O que pensa você? Você pensa que eu sou mesmo o nadinha/fodão, não é?

... sim, você tem que viajar comigo em minhas utopias... Carrossel de utopias... Cultivo antigas utopias, às quais permaneço aderido. Saio da utopia nadinha para a utopia fodão e depois volto ao nadinha... Seu paradoxo: o fodão não é nada, portanto, fodão é o nadinha; e o nadinha é o fodão porque faz as pessoas pensarem o que ele deseja que pensem. E tudo termina em nada. Nadinha é, portanto, o fodão... Godot? Apenas utopias. Um verdadeiro carrossel... Uma análise carrossel para realizar a utopia fodão... deixe-me pensar... Desde menino sonho em ser o fodão. Magricelo, envergonhado, em vez de fodão me isolava como nadinha. Agora não! Ser uma galeria de arte é ser fodão? ...girando o carrossel... Ainda escuto o menino nadinha aqui na cabeça (risos). Os dois enganam... Essa é minha arte?

Também tinha uma outra boa razão para essas utopias. Me dava medo pensarem que eu era veado. Minha relação com meninas é um outro capítulo que temos que trabalhar. Tinha que contar para a turma quantas meninas eu peguei. Aumentava horrores o número! Criei fama de fodão sem ser. Acho que escapei do rótulo de veado, que eu mesmo me rotulava... Agora quero apagar esses rótulos, o nadinha, magricela, veado que estão sempre reaparecendo, como o do fodão que nem era rótulo, era só o ponto de volta ao nadinha. Carrossel, né? De fato, uma boa imagem essa do carrossel, mas de filme de terror ...

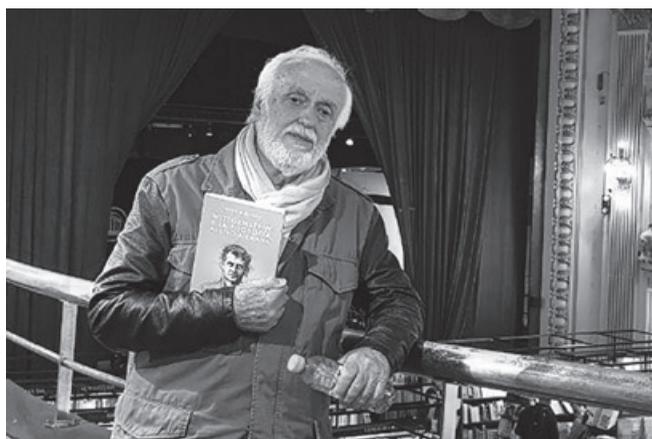
Você sabe... nada mais diabólico do que rotular pessoas. Rótulos como gay, lésbica, LGBT. Cada um tem o direito de ser o que é e pronto. Rótulo não é tatuagem, porque tatuagem é arte, tem criatividade. Rótulo não. Agride. Nadinha era ou não rótulo... não sei. Naquela época busquei um falso fodão, uma tatuagem imaginária... Tenho que continuar pensando se galeria de arte é minha saída do carrossel.

... Na seção onde eu trabalhava, nosso programa estava defasado em 10 anos. Neste novo lugar há uma equipe buscando ferramentas novas que possam nos tirar do

atraso. E as resistências? Chamaram-me para ensinar meu antigo grupo. Mas há de fato muitas e poderosas resistências contra as novas ações... estou muito estimulado... sobre mudanças comigo mesmo? Sim, desejo substituir ações velhas, rótulos ou não, antigos, mas tenho resistências internas, você diz... Sair do carrossel nadinha-fodão que me leva de volta ao nadinha/fodão. Já disse que o fodão era só um delírio de grandeza, e o nadinha, delírio salvador da burrice? Foi sempre um carrossel... um carrossel diabólico... carrossel da morte. O negócio é sair desse velho carrossel. Mas para isto é que estou aqui, né?

O carrossel continua a girar com as sombras do nadinha/fodão projetadas em minha parede mental: imaginação sem sonhos e sonhos sem imaginação. Entretanto, carrossel, eixo, montanha russa, pensar diferente são, diria, imagens ou ocorrências oníricas que escaparam e escapam ao fusio-namento aprisionador.

“A história da alma de uma pessoa, por mais mesquinha que seja, quase chega a ser mais curiosa e mais útil que a história de um povo inteiro, particularmente se ela for fruto da observação de uma mente amadurecida e se ela for escrita sem o intuito vaidoso de despertar simpatia ou admiração” (Mikhail Liébemontov, 1840).



**Márcio Nunes de Carvalho** é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília